

NOIGANDRES E INVENÇÃO

revistas porta-vozes da Poesia Concreta

por Omar Khouri

20

RESUMO

Com base na memória pessoal e pesquisa, este escrito enfoca as revistas da Poesia Concreta brasileira NOIGANDRES e INVENÇÃO, avaliando sua importância como veículos de uma nova prática poética.

PALAVRAS-CHAVE

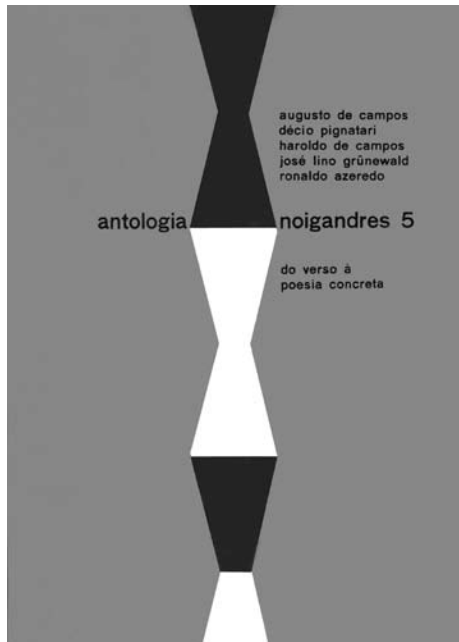
Noigandres, Invenção, Vanguarda, Poesia Concreta

ABSTRACT

Based on personal memory and research, this writing focuses Brazilian Concrete Poetry's magazines NOIGANDRES and INVENÇÃO, evaluating their importance as media for a new poetic practice.

KEYWORDS

Noigandres, Invenção, Avant-Garde, Concrete Poetry



Capa de NOIGANDRES 5. 1962



Capa de INVENÇÃO 3. 1963

Foi ainda nos anos 60 do século que acabou de passar, lá por 68, que primeiramente tomei conhecimento da Poesia Concreta, numa aula especial de Português em que, um professor convidado – docente em Marília, Faculdade de Letras – Ataliba Teixeira, num certo momento de sua preleção sobre Língua Portuguesa falou em poesia formalmente avançada e mostrou o poema-livro *Organismo* (1960), de Décio Pignatari. A peça, que já tivera publicação no mesmo ano de sua feitura, era encarte da revista INVENÇÃO 5. Aquilo me impressionou, bem porque, logo após, a professora da casa insistiu em mostrar o cine-livro-poema e tentou uma análise, ainda que breve. A professora Chainy João Racy, mostrou, comentou, tornou a mostrar: a página orgasm foi a que causou maior espanto na platéia de alunos curiosíssimos, do então IEDAP, em Pirajuí. Aquilo ficou em minha cabeça como uma fotografia e desencadeou um processo que me fez lembrar duma estranha apresentação, no salão-nobre da mesma instituição, de música e dança concretas (foi o que gente de fora, em visita à escola, anunciou), para a estupefação de uma platéia praticamente desinformada do quanto caminhara a arte no século XX (estávamos em inícios dos anos 60?).

Porém, meu grande interesse pela Poesia Concreta e por toda a atividade que seus integrantes vinham desenvolvendo em termos da própria poesia, da teoria e crítica e da tradução de textos poéticos só passou a acontecer sistematicamente a partir de 1973-74, quando da leitura, para mim de forte impacto, do livro *Contracomunicação*, de Décio Pignatari, livro que havia adquirido em 1971. Na mesma época, vi nas mãos de meu colega da Faculdade de História-USP, Mário Luís Lima Curvello, o livro *Panorama do Finnegans Wake*, de Joyce-Campos, fato acompanhado de comentários elogiosos. Em fins do ano de 1973 (se não me falha a memória), a convite de Aracy Abreu Amaral, pude assistir a uma discussão sobre Arte Concreta por ela promovida na ECA-USP, ocasião em que, além da professora-historiadora-crítica da Arte e seus alunos de Graduação (creio), estiveram presentes Décio Pignatari, Lothar Charoux, Hermelindo Fiaminghi, Willy Correia de Oliveira e outros. Duas figuras me impressionaram: Décio Pignatari (que já conhecera da TV, fins dos anos 60, defendendo um “mudo” Rogério Duprat, num estranho e abominável programa chamado “Quem tem medo da verdade?”, dirigido por Carlos Manga), por sua clareza e contundência de argumentos, e o artista plástico Lothar Charoux, pela extrema simplicidade enquanto pessoa e pela grandeza daquilo que mostrou tão humildemente. Meu conhecimento das revistas

do Concretismo foi em ordem cronológica invertida: de INVENÇÃO 5 (1966-67) a NOIGANDRES 1 (1952), num lento processar-se, já que o acesso a tais publicações era, se não impossível, muito difícil.

A Poesia Concreta foi uma grande descoberta para mim, que passei a me dedicar à apreciação-estudo da obra concretista e, na medida do possível, tornei-me um colecionador de livros, poemas em edições autônomas e revistas (até 1975, era praticamente impossível encontrar em nossas livrarias obras que trouxessem poemas concretos. Em seguida é que vieram a público obras de Haroldo de Campos, Décio Pignatari e Augusto de Campos: volumes com poesia completa ou quase) e até hoje sinto-me motivado por toda e qualquer publicação que tenha a ver com o Concretismo.

Tornei a ver INVENÇÃO e a descobrir NOIGANDRES – a primeira publicação coletiva dos poetas que se tornariam concretos – na primeira metade dos anos 70. De NOIGANDRES, consegui os dois últimos números. De INVENÇÃO, só não obtive o primeiro. Mas pude sempre contar com a boa vontade de amigos, com seus acervos particulares, em especial os poetas Luiz Antônio de Figueiredo e Augusto de Campos que, por diversas vezes, franqueou-me sua biblioteca (-hemeroteca) e coleção de objetos-poemas, além de me conceder entrevistas, quase sempre informais.

Meu estudo, propriamente, dessas revistas teve início em 1974, com maior ou menor intensidade, até a presente data. Pelo que me consta, não há nenhum estudo sistemático e profundo publicado sobre NOIGANDRES e INVENÇÃO conjuntamente. Antonio Risério elaborou, há tempos, um excelente ensaio sobre a formação do Grupo Noigandres, e João Bandeira com Lenora de Barros realizaram pesquisa e redigiram um importante texto sobre a revista NOIGANDRES, por ocasião dos 50 anos de criação do grupo e da edição do primeiro número da revista. Se houver algum trabalho de fôlego em andamento, ótimo! Essas publicações do Concretismo paulista merecem a atenção de historiadores da Cultura e de críticos literários e das Artes em geral. Para começar, o tema “Revistas do Concretismo” possibilitaria 20 ensaios, 10 dissertações e 5 teses...

A Poesia Concreta, enquanto movimento internacional, nasce dos esforços conjuntos do Trio Noigandres (a aproximação dos irmãos Campos com Décio Pignatari se deu graças ao curso de Direito na Faculdade do Largo de São Francisco e ao interesse pela Poesia) e do poeta suíço-boliviano Eugen Gomringer.

Foi uma poesia diferenciada, de “inventores”, como se referiu Ezra Pound àqueles que inauguram um certo tipo de fazer. A Poesia Concreta revolucionou o mundo da Poesia. No Brasil, foi um divisor de águas. Como toda obra revolucionária, obra que subverte estruturas, o conjunto da obra concretista mexeu com as Letras, incomodou os acomodados, angariou simpatizantes, criou legião de inimigos (nunca uma tendência artística no Brasil criara tantos adversários e por tanto tempo: décadas. É que, paralelamente à produção poética, desenvolveu-se todo um trabalho teórico-crítico de uma radicalidade ainda não observada no País).

O conjunto da obra poética do Concretismo acrescentou muito à criação do século XX e, através de um cuidadoso exercício compara-tivo, poderemos concluir que a melhor poesia concreta produzida mundialmente foi a do Brasil e mais especificamente da Paulicéia e a feita por poetas a ela ligados de alguma forma. O Grupo NOIGANDRES arregimentou Ronaldo Azeredo e, depois, José Lino Grünewald. A Poesia Concreta brasileira não ficou apenas nas já importantes faturas dos anos 50, da chamada fase ortodoxa (heróica) em que vigorou um projeto coletivo de produção: evoluiu, apresentou novos projetos, congregou mais poetas, explicitou individualidades. A Poesia Concreta obrigou os apreciadores das Letras a repensar a tradição.

As revistas, na área das Artes em geral e da Poesia em particular, têm desempenhado um significativo papel na divulgação de textos poéticos, propriamente, e teórico-metalinguísticos. As financiadas fundamentalmente pelos próprios poetas – e é assim que se pode alcançar a almejada liberdade – via de regra não conseguem manter aquela que seria uma de suas características principais, que é a da periodicidade regular, o que garantiria veiculação de novidades na hora certa, ou seja, no momento imediatamente posterior à sua realização enquanto fatura. Por outro lado, os ônus da organização do material selecionado, da diagramação, do financiamento etc, recaem sobre poucos, o que leva a um rápido cansaço, determinante da cessação das atividades editoriais. Revistas, ou melhor dizendo, antologias, com material quase-sempre inédito, vivem o processo do por-entanto, aguardando a perenidade garantida pela veiculação de peças na forma-livro. As revistas, das feitas pelo processo tipográfico de impressão, passando pelo offset até as que se armazenam em CD-ROM e as que se encontram na REDE, dado o fato de abrigarem o coletivo, apresentam-se com uma força especial, raramente observada em livros individuais de poemas, e é a alegria de veicular e a crença na Poesia,

como um dos responsáveis pelo aprimoramento da sensibilidade, que movem aqueles que realmente se empenham para que venham a público.

No âmbito do Modernismo – e o fenômeno é originalmente europeu, chegando ao Continente Americano, uma sua extensão – as revistas, durando um ou mais números, tiveram fundamental importância, cumprindo seu específico papel de registro de obras e idéias no espaço-tempo. Em termos dos Modernismos luso e brasileiro de um primeiro momento (ocasião em que contatos foram raros, mas existiram), poderíamos citar, de Portugal, ORPHEU, 1915: dois números e um terceiro que ficou em provas, financiada por Mário de Sá-Carneiro (por seu pai) e PORTUGAL FUTURISTA, de 1917, de número único; depois, outras vieram. No Brasil, a tradição de periódicos, revistas, vinha se formando desde o século XIX (a tipografia aqui foi tardiamente permitida; portanto, imprensa, somente a partir de 1808). Nossa primeira revista modernista, porém, foi KLAXON, editada em São Paulo, em 1922-23, tendo durado apenas nove números (em oito volumes, sendo juntos os números 8 e 9). Sem dúvida, a mais bela graficamente de nossas revistas modernistas do primeiro momento, mesmo faltando (o que quase sempre acontece), em termos do todo das colaborações, uma maior coerência no que diz respeito à postura estética. Mas representou uma tremenda inovação em termos gráficos no Brasil, inclusive no que diz respeito a anúncios publicitários: veja-se o da LACTA, que aparece na quarta-capa do nº 1. A REVISTA DE ANTROPOFAGIA, 1928-29, com suas duas “dentições”, sendo a 2ª em página do jornal DIÁRIO DE S. PAULO, foi a mais contundente. Nesse mesmo tempo e depois, muitas revistas vieram a público no Brasil, mas nenhuma com tal importância em termos de acréscimos e de desdobramentos.

Revista é coisa feita em grupo, é trabalho de e em equipe – há um mínimo que se exige em termos de coerência entre as pessoas que dela participam, os colaboradores. Geralmente, o que se observa é que as revistas independentes são feitas para durar pouco e isto é compreensível, já que elas estão empenhadas com a criação, sendo anti-acadêmicas por excelência (e é graças a isto que as coisas vão para a frente, pois há risco, aposta-se no novo), tendo como seus colaboradores, em grande parte, jovens. Depois do entusiasmo, da

efervescência inicial, a vontade passa e cada um toma o seu rumo, segue o seu caminho; isto quando não se observa a acomodação de alguns, a renúncia a um projeto mais coletivo e arrojado, para cuidar da própria obra em separado: a busca de uma afirmação como individualidade.

No início, o grupo do futuro concretismo era formado por três poetas: Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos (paulistas), em um ambiente que cheirava a restauração, em que predominava o tacão da chamada Geração de 45, porém com algumas diferenças visíveis: indícios de mudança já se notavam nos primeiros livros dos então jovens poetas: *O Carrossel*, *Auto do Possesso* e *O Rei menos o Reino* (Décio e Haroldo tiveram os seus livros publicados pelo Clube de Poesia; Augusto publicou por conta própria: Edições Maldoror). Depois, Ronaldo Azeredo (carioca que se radicou em São Paulo) e, depois ainda, José Lino Grünewald (carioca, que permaneceu na cidade do Rio de Janeiro). Daí é que o Trio Noigandres se tornou Quinteto. Mais tarde, seriam considerados como integrantes da equipe de INVENÇÃO (página e revista), o alagoano Edgard Braga e o pernambucano Pedro Xisto de Carvalho.

Os iniciadores do Grupo Noigandres (fundado em 1952) sempre pensaram alto, em termos de mundo, da poesia mundial e, do Brasil, como parte integrante do Planeta Terra. O que a poesia mundial havia feito até então? Era daí que deveriam começar e partiram para o ambicioso empreendimento: contribuir com acréscimos para a poesia brasileira e mundial. O Plano-Piloto para Poesia Concreta, assinado pelos três, constitui-se numa espetacular síntese do que o grupo vinha

antologia

augusto
décio pig
haroldo c
josé lino
ronaldo

noigandres

do verso
poesia c

pensando e foi publicado – NOIGANDRES 4 . 1958 – em português e inglês, visando a um público restrito de aficionados da poesia experimental, no Brasil e no Mundo. A meta era a de exercer o papel de inventores: iniciar um novo modo de fazer.

O Concretismo brasileiro chegou a ter duas revistas, cada uma marcando fase diferente de produção: NOIGANDRES e INVENÇÃO (e outros projetos: um número de NOIGANDRES, que seria o 5, dedicado inteiramente à Música, mas que acabou por abrigar a antologia: do verso à poesia concreta e a revista LYNX, dedicada inteiramente às Artes Plásticas, cujo nome foi até registrado, porém, nem chegou a ser organizada). Nas tais revistas, as tiragens variaram: de 100 a 1000 exemplares, o que torna essas publicações, somando-se o fato à distância no tempo, raridades adentrando o universo da lenda. As técnicas de impressão utilizadas foram: Tipografia-Clicheria, Serigrafia e o Offset. Quanto à distribuição, tanto de NOIGANDRES como de INVENÇÃO, era bastante precária: acabaram sendo mais doadas a amigos e aficionados do que vendidas e isto pode ser compreendido pelo fato de linguagem inovadora apanhar público e crítica sem repertório adequado para uma aproximação. Às vezes se observava uma não-aceitação por puro conservadorismo e/ou má-vontade (em muitos momentos, os poetas concretos justificaram a sua larga produção metalingüística escrita pelo fato de a crítica brasileira, quase sempre, estar despreparada para abordar a sua produção poética).

A má distribuição das revistas acontecia mesmo nas vezes em que contaram com uma empresa especializada. Via de regra, ocorria que exemplares eram deixados em consignação nas livrarias, poucas livrarias. Retorno financeiro quase nenhum: o que retornava, quando retornava, era ínfimo. Porém, a crença num trabalho verdadeiramente criativo (inovador) é que movia os autores-editores e fazia com que voltassem a fazer um novo número. Isto não era um fato isolado: pôde ser verificado no Brasil, anterior e posteriormente e em outras partes do mundo, em que produtores de linguagem custeavam suas próprias publicações. Nas revistas concretistas (e noutras) os poetas participantes se cotizavam para a obtenção do dinheiro necessário para as realizações editoriais/gráficas: uns com mais, outros com menos. Exceção foi INVENÇÃO 1, bancada pela editora GRD. E foi um público restrito que tomou conhecimento das publicações concretistas, porém, sua produção poética atingiu o âmago da

produção poética brasileira. Público pouco, a não ser nos casos em que poemas isoladamente ou em conjunto eram veiculados pela grande imprensa e isto ocorreu diversas vezes, que não na página “Invenção” do CORREIO PAULISTANO. A produção metalingüística e a de recriação de poemas (tradução criativa) sempre encontraram mais guarida junto às editoras que a produção poética. Duma arte sem concessões não se poderia esperar outra coisa. Fenômeno análogo pôde ser observado com relação às revistas experimentais editadas no Brasil a partir dos anos 70 do século passado.

A Poesia Concreta, em seu estado “puro”, era praticamente uma poesia para poetas, porém, sua influência afetou muitas das atividades literárias e gráficas em nosso País e fora, já que a Poesia Concreta se constituiu num movimento internacional. No entanto, seu impacto foi maior no Brasil do que fora.

NOIGANDRES: 1952-1962. A revista foi pensada para ser porta-voz do grupo, originalmente composto por Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos, incluindo a partir da de nº 3, Ronaldo Azeredo e da de nº 5, José Lino Grünwald, que já fazia parte da equipe da página “Invenção” no CORREIO PAULISTANO, desde janeiro de 1960. Abriga, NOIGANDRES, a produção pré-concreta e propriamente concreta do grupo, o que vale dizer que a Poesia Concreta nasceu no processo. No mesmo ano de 1952 realizou-se exposição do Grupo Ruptura, com Waldemar Cordeiro, Lothar Charoux, Geraldo de Barros, Luiz Sacilotto, Kazmer Féjer, Leopoldo Haar e Anatol Wladyslaw.

NOIGANDRES 1. O primeiro número da revista, medindo 16,1 X 23,6 cm (poderá haver alguma diferença na medida - de milímetros - entre um exemplar e outro, considerando-se qualquer das edições: tanto na primeira como na segunda revista do Concretismo). Edição dos autores. Traz na capa-desenho-de-letras de Décio Pignatari: caligrafia gestual noigandres 1: fundo azul-escuro e texto vermelho e branco. Os três componentes do Grupo Noigandres: Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos aparecem como editores, assim como colaboradores - comparecendo apenas poemas e o índice. O local e a data: S. Paulo noigandres / nov. 1952. O trio de poetas aparece na famosa foto (a escolhida, pois havia também outras com os três) feita por Klaus Werner. A começar da capa,

a revista já destoa da produção brasileira da época. Os poemas já indiciam um futuro de invenções. Já se pensa a poesia brasileira no Mundo, ou seja, se o Brasil é parte integrante do Mundo Ocidental, é preciso sondar o fio evolutivo da produção poética e prosseguir na empreitada. É ainda um momento de expectativa, coisa que se pode verificar também em alguns textos metalingüísticos publicados na época pelos componentes do Grupo Noigandres.

NOIGANDRES 2. Formato: 18,3 X 23,8 cm. São Paulo, Ed. dos Autores, fev. 1955. Capas já comportando orelhas. Trata-se de caderno cuja primeira capa traz fundo preto com o texto em branco, sendo que o número 2 está em preto, com um fundo quadrado branco. Na capa, constam os nomes de A. de Campos, D. Pignatari e H. de Campos, além do nome da revista, tudo em caixa-baixa, porém a edição só traz poemas dos irmãos Campos, já que Décio Pignatari estava em viagem pela Europa, ocasião em que travou importantes contatos para o desenvolvimento da Poesia Concreta (com Eugen Gomringer, por exemplo, poeta suíço-boliviano, secretário do artista plástico Max Bill na Escola Superior da Forma em Ulm, Alemanha Ocidental, cujas *Constelações* apresentavam afinidade com o trabalho que vinha sendo realizado pelos componentes do Grupo Noigandres, assim como os valores cultuados eram em grande parte coincidentes).

O primeiro texto metalingüístico de NOIGANDRES aí comparece: o que antecede a série POETAMENOS (poemas criados em 1953), de Augusto de Campos, chamado de "Prefácio", porém possuindo um certo sabor de manifesto. Nesses poemas,

augusto de campos
décio pignatari
haroldo de campos
josé lino grünewald
ronaldo azeredo

biologia

noigandres 5

do verso à
poesia concreta

casando-se ao texto (tipografia), a cor comparece como elemento de ordem estrutural, exigindo variação de timbre vocal, como na música de Anton Webern (klangfarbenmelodie) em que a melodia se desloca de um instrumento para outro. De Haroldo de Campos, comparece **CIROPÉDIA OU A EDUCAÇÃO DO PRÍNCIPE**, de 1952, que já anuncia futuras experimentações da própria Poesia Concreta em sua fase dita “ortodoxa”, assim como da prosa-experimental de *Galáxias*, que veio à luz nos anos 60. Os poemas coloridos de Augusto de Campos já colocam o Brasil numa vanguarda poética mundial, dado o seu caráter inovador, mesmo considerando obras anteriores em que se observa a utilização da cor. Aí, de fato, a cor entra como elemento constitutivo estrutural. Embora conste uma tiragem de apenas 100 exemplares (dada a questão do alto custo) devem ser subtraídos uns 5 exemplares em que houve graves erros de registro de cor: o tipógrafo trabalhou com um sistema de máscaras para as várias impressões que os poemas exigiam: de duas a seis, mais o preto do texto que antecede os poemas, pois não se tratava de seleção de cores, mas uma impressão para cada uma das cores em separado.

NOIGANDRES 3. Formato: 16 X 23 cm. São Paulo Brasil dezembro 1956. Capa e quarta-capa em vermelho, texto em preto, tudo caixa-baixa: noigandres três: poesia concreta (o nome para essa poesia, proposta de Augusto de Campos em texto de 1955, vinha a propósito de já existir uma Arte e Música concretas. Por que não uma Poesia Concreta?, propôs o poeta e crítico. Aceito o nome, inclusive por Eugen Gomringer, tudo se encaminhou para a instauração do movimento que se tornou internacional e que se constituiu na radicalização de propostas que vinham desde o Primeiro Modernismo, mais acréscimos e com alto grau de originalidade. Em dezembro de 1956, aconteceu no Museu de Arte Moderna de São Paulo, a Exposição Nacional de Arte Concreta, com participação dos poetas (entre os participantes convidados estavam Wladimir Dias-Pino e Ferreira Gullar) e dos artistas plásticos. Em fevereiro do ano seguinte, aconteceria no Edifício do MEC, no Rio de Janeiro, e aí a coisa explodiu como uma bomba, fazendo com que os preocupados com a linguagem repensassem a tradição.

Neste número 3 de NOIGANDRES, além de Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos, já aparece Ronaldo Azeredo (então, com menos de 20 anos de idade) como colaborador. O

destaque é para Haroldo de Campos com “o âmago do ômega”, série de poemas com texto em branco sobre fundo preto.

NOIGANDRES 4. Formato: 28,9 X 40 cm. Uma pasta, um álbum, uma exposição portátil. Capa-invólucro branca com impressão serigráfica por Hermelindo Fiaminghi, autor do design: um trabalho abstrato geométrico em cinza e vermelho, mais os textos em preto: futura bold: noigandres 4 poesia concreta. Poemas-cartazes impressos tipo-graficamente. LIFE, de Décio Pignatari, em pequeno caderno com capa preta. Terceira-capa: relação de autores: Décio Pignatari, Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Ronaldo Azeredo e poemas. São Paulo, Edição dos Autores (março) 1958. Traz, em papel de baixa gramatura amarelo-claro, o segundo dos textos metalingüísticos da revista, o arqui-famoso Plano-Piloto para Poesia Concreta, possivelmente o manifesto brasileiro mais conhecido fora do País.

Mantendo o clima de polêmica que sempre caracterizou o grupo, o Plano-Piloto diz a quantas veio: declara extinto o ciclo histórico do verso e coloca o branco da página como elemento de ordem estrutural na poesia. Condena a linearidade do discurso e propõe uma sintaxe espacial. Elenca precursores, de Mallarmé a João Cabral de Melo Neto e reivindica conquistas das Artes Plásticas e da Música, o que demonstra a vocação intersemiótica da Poesia Concreta. Considera o poema um objeto em si e por si. Coloca ainda a palavra como matéria-prima do poema, mas palavra considerada em suas dimensões sonora, semântica e gráfica (visual). Além dos poemas do trio inicial do Grupo Noigandres traz poemas importantes do jovem Ronaldo Azeredo, integrante do grupo desde a revista de nº 3, porém nunca afeito a teorizações: não assina o manifesto, que é uma espécie de síntese de todo o pensamento que vinha sendo desenvolvido nos anos 50 por Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos. (No ano de 1961, como que dando satisfação a detratores da Poesia Concreta, acusada de “formalismo”, adicionam a frase do poeta russo Vladímir Maiacóvski: “Sem forma revolucionária não há arte revolucionária”. Conjunturas...). É este o mais belo dos números de NOIGANDRES.

NOIGANDRES 5. Formato: 16 X 23 cm. Capa e quarta-capa reproduzindo de modo aproximado um trabalho construtivo de Alfredo Volpi: fundo rosa-

avermelhado e formas geométricas em branco e azul-escuro (na primeira orelha lê-se: “capa: homenagem do grupo noigandres a alfredo volpi, primeiro e último grande pintor brasileiro.” Tudo em caixa-baixa). Na capa, ainda, textos: antologia noigandres 5 do verso à poesia concreta e mais os nomes dos cinco participantes: Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos, José Lino Grünewald, que se aproximara do grupo desde fins dos anos 50 e Ronaldo Azeredo. Originalmente foi pensada para veicular a coisa da Música, porém, acabou por se resolver que traria a poesia impressa do grupo, em retrospectiva. Trata-se, de fato, de uma antologia, como se auto-denomina, dando conta da produção-poética-verso e da produção concretista propriamente. Trata-se de um balanço das atividades poéticas dos agora cinco componentes do grupo e dá, de fato, uma medida de sua competência enquanto verse-makers e como operadores do não-verso e da poesia feita sem versos, mas ainda tendo a palavra como matéria-prima “verbivocovisual” (termo cunhado por James Joyce). Quanto ao verso, a amostragem comprova o que deles dissera Mário Faustino: o de serem os melhores versejadores depois do fenômeno João Cabral de Melo Neto. Ronaldo Azeredo, em verso, já fazia não-verso.

NOIGANDRES 5 sai em fins de 1962, depois que já haviam saído os dois primeiros números de INVENÇÃO. Isto é explicado pela necessidade do tal “balanço”. Consta como editor Massao Ohno, também distribuidor: responsabilizou-se pela capa. Porém, o principal financiador deste número foi o poeta José Lino Grünewald. NOIGANDRES cumpriu o importante papel de



REVISTA DE ARTE DE VA

N.º 3

ANO 2

NOVA MÚSICA BRASILEIRA | MANIFESTO, ARTIGOS E N
DUPRAT, DAMIANO COZZELLA, WILLY CORREIA DE O
MENDES, RÉGIS DUPRAT, JÚLIO MEDAGLIA, SANDINO
ALEXANDRE PASCOAL

IN MEMORIAM DE MÁRIO FAUSTINO:

POEMA | AUGUSTO DE CAMPOS

O PROJETO DE MÁRIO FAUSTINO | BENEDITO NUNES

BREVE ANTOLOGIA | MÁRIO FAUSTINO

POESIA CONCRETA | MAX BENSE

LABORATÓRIO DE TEXTOS | PEDRO XISTO

POEMAS | MANUEL BANDEIRA, JOSÉ PAULO PAES, FÉLI
JOAQUIM FRANCISCO, RÉGIS DUPRAT, LUÍS ÂNGELO, C
EDGARD BRAGA, PEDRO XISTO, HAROLDO DE CAMPOS
AUGUSTO DE CAMPOS, J. L. GRÜNEWALD, IAN HAMI
EDWIN MORGAN, EUGEN GOMRINGER, FUKIKO KOBAYAS
E CASTRO, PIERRE GARNIER MAIACÓVSKI, VOZNIESSIEN

FRAGMENTOS DE PROSA | RONALDO AZEREDO

MÓBILE | SÃO PAULO, CAPITALE DE LA POÉSIE, PIER
COLÓQUIO INTERNACIONAL POR UMA SOCIOLOGIA DA
DUPRAT — POESIA CONCRETA NA CHECOSLOVÁQUIA -

EDIÇÃO INVENÇÃO

revista-registro do nascimento da Poesia Concreta. Mas, por ocasião da saída do número 5, já se vivia a época de **INVENÇÃO**.

Um parêntese: página **Invenção**. De 17 de janeiro de 1960 a 26 de fevereiro de 1961 foi editada no jornal da capital paulista - **CORREIO PAULISTANO** - a página "Invenção" (o formato, então, era 40 X 60 cm), aos domingos, página 5 do órgão de imprensa. A equipe, que permaneceu até à última edição, era formada por Augusto de Campos, Cassiano Ricardo, Décio Pignatari, Edgard Braga, Haroldo de Campos, José Lino Grünewald, Mário Chamie e Pedro Xisto. A organização gráfica esteve sempre a cargo de Alexandre Wollner. Embora publicação semanal, como estava planejada, chegou a não acontecer por algumas vezes. No alto da página, à direita, o nome em tipo serifado Invenção. As matérias versaram quase sempre sobre Poesia, mas incluindo Artes Plásticas e Música. Muita metalinguagem, poemas e reproduções de obras de Artes Plásticas. Autores: desde os que faziam parte da equipe, até convidados, do Brasil e de fora, como Brasil da Rocha Brito e Max Bense. Já no editorial (nº 1, de 17 de janeiro de 1960) um tom menos radical, de maior tolerância, o que se percebe correndo os olhos pelos nomes que compõem a "equipe": há os que causam estranheza para aqueles que não estejam familiarizados com a história: Cassiano Ricardo e Mário Chamie – este último com muita colaboração ao longo do cerca de um ano, que foi o tempo que durou a página. Desacordos levariam logo mais à ruptura: Chamie já não comparece na revista **INVENÇÃO** e Cassiano Ricardo é excluído a partir da de nº 3. Traduções de poetas considerados fundamentais comparecem, sob a ótica da tradução-criação (tradução-arte ou transcrição, como colocariam mais tarde Augusto e Haroldo de Campos, encarando a tradução de poesia como uma categoria da criação) e reavaliações, como a de Sousândrade, nos últimos números do página-suplemento.

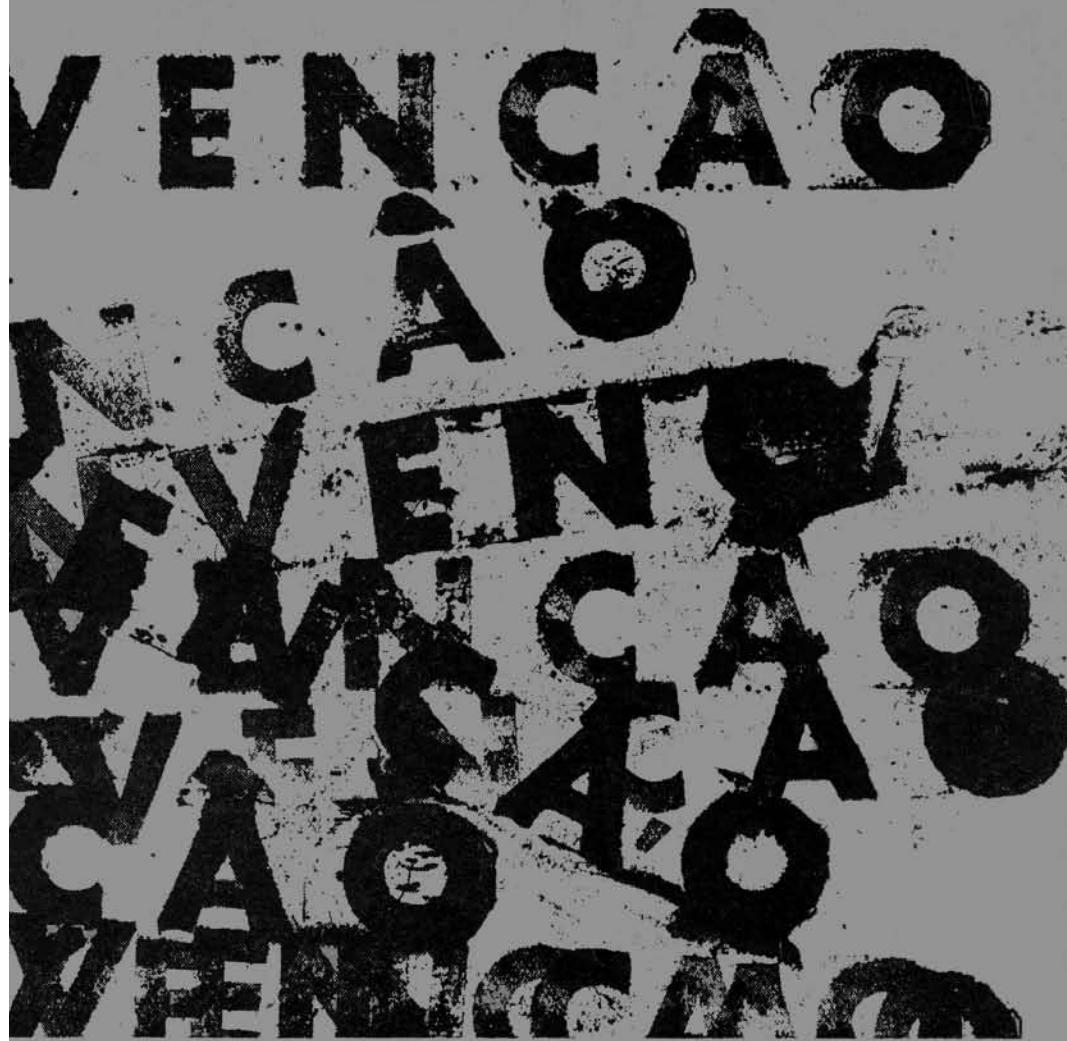
Nem sempre eram primeiras publicações – tanto de poemas como de material metalingüístico – porém, no jornal, para um público bem maior, mesmo que à revelia, de qualquer modo, muito material importante ali saiu pela primeira vez e a página teve, durante o tempo em que foi editada, o papel de garantir publicação da teoria e da poesia (com outras artes) mais avançadas que se faziam no Brasil. Na edição de 26 de fevereiro de 1961, a

última, comparece uma nota de encerramento do suplemento e anúncio de revista do mesmo nome – **INVENÇÃO** – a sair proximamente. Cassiano Ricardo – 1895-1974 – já versado nas coisas literárias, em suas malhas e manhas, esteve sempre na rabeira dos grandes movimentos. Possuía grande influência nos negócios da cultura de São Paulo, principalmente no âmbito da cultura oficial: força e penetração. Daí, Décio Pignatari apresentar como importante a sua migração para o reduto concretista, fato este que se deve principalmente a Edgard Braga (1897-1985), médico-obstetra importante e poeta que realizou o melhor de sua obra, tendo encontrado um caminho próprio no âmbito do Concretismo, quando já possuía uma idade um tanto avançada, permanecendo experimentador até o final da vida. Sem pretender subtrair de Cassiano Ricardo algum mérito poético que ele de fato chegou a ter, como divulgador-diluidor de propostas mais avançadas da vanguarda concretista – fez sempre uma poesia de segundo escalão, principalmente quando comparada à de Oswald de Andrade (da mesma geração), dos irmãos Campos e a de Décio Pignatari e outros.

Em **INVENÇÃO**, não tardaram a vir problemas, já que Cassiano Ricardo considerava os então moços por demais radicais. Cassiano Ricardo, de qualquer modo, foi quem proporcionou a página "Invenção", do **CORREIO PAULISTANO**. Mário Chamie também aparece compondo a equipe da página "Invenção", porém, antagonismos começaram a se explicitar brotando, daí, uma inimizade duradoura com os concretistas. Para fazer frente à revista **INVENÇÃO**, editou a revista **PRÁXIS**, que veiculou a poesia do mesmo nome, de vocação verbalista. A publicação autônoma **INVENÇÃO** procurará ter mais um caráter de revista.

INVENÇÃO: 1962-1967. Diferenças notórias entre **NOIGANDRES** e **INVENÇÃO**: na segunda, muita metalinguagem em meio a uma produção também considerável de poesia; abertura a outros colaboradores não-poetas e não-brasileiros, ou seja, o leque se abre. A revista veio continuar a publicação da poesia de vanguarda – e ela sempre trouxe o subtítulo: REVISTA DE ARTE DE VANGUARDA. **INVENÇÃO** durou cinco números – de 1962 (primeiro trimestre) a 1966-1967 (dez-jan), mantendo a forma-livro e praticamente as mesmas dimensões. Décio Pignatari consta como Diretor Responsável de **INVENÇÃO**, já que era o único dos principais integrantes da equipe que, à época,

possuía carteira de jornalista, porém, as grandes decisões eram tomadas a três-cabeças-e-seis-mãos: Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos. A estrutura da capa foi a mesma em todas as edições, mudando apenas a cor do fundo: de 1 a 5: amarelo, vermelho, azul-celeste, laranja, vinho, com impressão sempre em preto. A capa retangular (sentido vertical), sempre com a mesma marca, em preto sobre fundo colorido, de poema-carimbo (autoria de Décio Pignatari) com o nome INVENÇÃO, que aparece claramente ao alto e repetido em superposições, muitas vezes (com os ruídos inerentes ao processo), configura-se uma espécie de caos, porém permitindo a identificação de partes da palavra-nome-emblema da publicação: isto reforça a idéia de que do caos nasce a ordem: de um mar de redundância, brota o signo-novo. A mancha-logo perfaz uma forma retangular (sentido horizontal), contraposta ao retângulo do todo da capa (um giro de 90 graus); abaixo, o subtítulo REVISTA DE ARTE DE VANGUARDA e os dados editoriais: número, ano, data e uma espécie de índice-mapa, em que constam os colaboradores agrupados em áreas, e seções. Ezra Pound, um dos valores poético-críticos maiores para os concretistas, que já havia tido importante papel na denominação do grupo e de sua primeira revista: NOIGANDRES (palavra que aparece em poema do trovador provençal Arnaut Daniel e citada em "Canto" de Pound) tem parte também no nome INVENÇÃO: a invenção é a categoria máxima da criação e os inventores os mais importantes dentre os criadores.



DE ARTE DE VANGUARDA

ANO 2

JUNHO 1963

SILEIRA | MANIFESTO, ARTIGOS E NOTAS DE ROGÉRIO COZZELLA, WILLY CORREIA DE OLIVEIRA, GILBERTO DUPRAT, JÚLIO MEDAGLIA, SANDINO HOHAGEN, RICHARD W. AL

MÁRIO FAUSTINO:
DE CAMPOS
MÁRIO FAUSTINO | BENEDITO NUNES
| MÁRIO FAUSTINO
| MAX BENSE

TEXTOS | PEDRO XISTO

BANDEIRA, JOSÉ PAULO PAES, FÉLIX DE ATHAYDE, RICHARD W. AL, RÉGIS DUPRAT, LUÍS ÁNGELO, OSMAR DILLON, PEDRO XISTO, HAROLDO DE CAMPOS, DÉCIO PIGNATARI, RICHARD W. AL, J. L. GRÜNEWALD, IAN HAMILTON FINLAY, RICHARD W. AL, EUGEN GOMRINGER, FUKIKO KOBAYASHI, E. M. DE MELLO, RICHARD W. AL, GARNIER MAIACÓVSKI, VOZNISSIENSKI, IEVTUCHENCO

PROSA | RONALDO AZEREDO

REVISTA DE LA POÉSIE, PIERRE FURTER —
CONCRETA POR UMA SOCIOLOGIA DA MÚSICA, RÉGIS
CONCRETA NA CHECOSLOVÁQUIA — NOTAS

INVENÇÃO 1. Formato: 18 X 25,2 cm. **INVENÇÃO: REVISTA DE ARTE DE VANGUARDA.** nº 1, ano 1, 1º trimestre de 1962. São Paulo, Edições GRD. Único número da revista financiado pela editora que a assume. Capa amarela com logo e demais informações em preto. Segunda-capa: dados; Equipe formada por Augusto de Campos, Cassiano Ricardo, Décio Pignatari, Edgard Braga, Haroldo de Campos, José Lino Grünewald, Mário da Silva Brito, Pedro Xisto e Ronaldo Azeredo. Mário da Silva Brito aceitou participar da equipe, porém, não chegou a ter, na revista, nenhum tipo de atuação. Terceira-capa: próximos colaboradores. Quarta-capa: anúncio de livros GRD. Nas capas: tipo sem-serifa; tipo serifado para os textos que compõem a publicação. Saiu um ano (aproximadamente) após o encerramento da página “Invenção”, como diz o seu editorial, o qual explicita a abertura do leque: “Como a página, a revista não será filiada a uma tendência determinada. O ponto de encontro da equipe que a dirige – na qual se reúnem, sem abrir mão das tendências que especificamente defendem, poetas e críticos, alguns alistados no movimento concreto, outros de orientação autônoma – é justamente a invenção. Vista como uma gama de tendências, menos e mais radicais, mas todas elas úteis na configuração do perfil de uma civilização em evolução e na produção de obras que contribuam para sua definição artística”.

Tudo indicava que a coisa se encaminharia para um ecletismo desdiferenciador, o que realmente não aconteceu, já que o experimentalismo concretista e dele decorrente acabou por caracterizar a publicação, radicalizando-se cada vez mais, até o final, com o nº 5 da revista. Traz, o primeiro número de **INVENÇÃO**, apenas metalinguagem: dois textos-teses, de Cassiano Ricardo (“22 e a poesia de hoje”) e de Décio Pignatari (“Situação atual da poesia no Brasil”). Apesar da importância do texto de Pignatari, este é o menos amado dos números de **INVENÇÃO**, talvez o único não-amado, porém, a edição marca o início de uma grande aventura, que evoluiu, a partir da revista de nº 2, assumindo um caráter intersemiótico, inter-artes e internacional.

INVENÇÃO 2. Formato: 18 X 25,5 cm. Capa vermelha com impressão em preto; 4ª capa vermelha, sem texto, o que é mantido nos números seguintes. **INVENÇÃO: REVISTA DE ARTE DE VANGUARDA.** nº 2, ano 1, 2º trimestre de 1962. São Paulo, Massao Ohno Editora. Diretor Responsável: Décio Pignatari. Equipe formada

por Augusto de Campos, Cassiano Ricardo, Décio Pignatari, Edgard Braga, Haroldo de Campos, José Lino Grünewald, Mário da Silva Brito, Pedro Xisto e Ronaldo Azeredo. Custos: cotizados (“quem podia mais contribuía com mais”... A. de Campos). O Editorial faz uma descrição do conteúdo da revista e anuncia, entre muitas outras coisas, o que dá a tônica ao número, que começa a se dedicar à criação, já que a 1ª havia trazido apenas dois textos teóricos, já citados: “Os poetas concretos do grupo Noigandres – Décio Pignatari, Haroldo de Campos, Augusto de Campos, Ronaldo Azeredo e José Lino Grünewald – aqui estão, em pleno ‘pulo da onça’, sustentando uma poesia formal e conteudisticamente revolucionária”. Este número registra o chamado “salto participante da Poesia Concreta”, exigência do momento e do qual resultaram ótimos poemas, os quais mostraram que se poderia fazer poesia participante com arrojo formal, porém, a produção anterior e posterior do grupo é superior. De qualquer modo, o Concretismo mostrava para as patrulhas ideológicas que não só faria, como faria melhor uma poesia de conteúdo participante, “social”. Esta preocupação já estava presente no post scriptum (1961) ao Plano-Piloto para Poesia Concreta (1958), com a já citada afirmação do poeta Vladímir Maiacóvski.

Concordo com uma fala de Antonio Risério (nós que admirávamos e amávamos a Poesia Concreta), que saiu duma conversa nos anos 70, justamente sobre o assunto, quando afirmou que fazer uma poesia engajada era dar satisfação aos inimigos e que eles – os concretistas – mesmo assim, haviam feito muito bons poemas (e alguns ficaram célebres), porque eles eram bons de fato em tudo o que faziam. Cassiano Ricardo, por conservadorismo, havia se posicionado contra a publicação, na revista, dos poemas que traziam Cuba por tema, mas seus argumentos foram rechaçados, permanecendo minoria, e as peças foram veiculadas. Vários foram os colaboradores, com textos poéticos e metalingüísticos. Aparecem, aqui, dois poemas de Paulo Marcos de Andrade, o filho mais novo de Oswald de Andrade, surpreendentes textos. Aberto o leque também para colaboradores de outros países, o que se avoluma nos dois números seguintes. No final da revista, aparece a seção “Móbile” (proposta no Editorial como seção permanente), com notícias-informações, crítica e polêmica, que, avolumando-se cada vez mais, vai até à de nº 5. Cassiano Ricardo ainda colabora neste número. A terceira-capa, entre outras coisas, anuncia a presença, para o

próximo número, da MÚSICA DE VANGUARDA. Chama a atenção, neste número, a total utilização de tipos não-serifados, com destaque para o *futura*, que já entrara na preferência dos poetas concretos, principalmente na realização de poemas.

INVENÇÃO 3. Formato: 18 X 25,5 cm. Capa azul-celeste com impressão em preto. INVENÇÃO: REVISTA DE ARTE DE VANGUARDA. nº 3, ano 2, junho de 1963. São Paulo, Edição Invenção (Ed. dos autores). Diretor Responsável: Décio Pignatari. Equipe formada por Augusto de Campos, Décio Pignatari, Edgard Braga, Haroldo de Campos, José Lino Grünwald, Pedro Xisto e Ronaldo Azeredo. Terceira-capa: anúncio de matérias para o nº 4 da revista). Além do aumento do elenco de colaboradores (Manuel Bandeira aparece com “O nome em si”), inclusive de estrangeiros, comparecem, com força, os músicos (Rogério Duprat, Gilberto Mendes, Willy Coreia de Oliveira e outros). Em INVENÇÃO 4 e 5 a Música continuará presente. No editorial – com tipo serifado – já aparece a expressão *geléia geral*... “na geléia geral da arte brasileira, alguém ou algo tem de fazer a função de medula e osso”, a qual reaparece no Editorial de INVENÇÃO 5, de forma lapidar e no contexto em que foi dita. Deste Editorial que, por si só mereceria um ensaio (e até uma tese, juntando-se-lhe os demais) há que se ler também e necessariamente as entrelinhas.

INVENÇÃO 4. Formato: 17,7 X 25,5 cm. Capa laranja com impressão em preto. INVENÇÃO: REVISTA DE ARTE DE VANGUARDA. nº

4, ano 3, dezembro 1964. São Paulo, Edições Invenção (Ed. dos autores). Distribuidora: Editora Obelisco. Diretor Responsável: Décio Pignatari. Equipe formada por Augusto de Campos, Décio Pignatari, Edgard Braga, Haroldo de Campos, José Lino Grünwald, Luiz Ângelo Pinto, Pedro Xisto e Ronaldo Azeredo. Editorial relativamente breve, iniciando com a destinação de uma seção especial a Oswald de Andrade, nos dez anos de sua morte; descrição do material constante, entremeadas de posicionamentos radicais, linguagem semelhante à linguagem de manifestos. Aparecem aí ensaios importantes, resultados de experimentações de Décio Pignatari e Luiz Ângelo Pinto, assim como os “poemas-código”, mais a experiência dos “popcretos” de Augusto de Campos e Waldemar Cordeiro. O encarte CIDADE CITY CITÉ de Augusto de Campos e 13 fragmentos do livro de prosa experimental de Haroldo de Campos *Galáxias* (outros fragmentos aparecerão na de nº 5). Paulo Leminski comparece com cinco poemas e colaboração sua também estará no último número da revista. Colorações de fora, muitas: presença de poetas estrangeiros, inclusive mulheres. Músicos presentes: Giberto Mendes e Willy Correia de Oliveira, este inclusive com poema. “Móbile”: esta seção – o seu conjunto, em quatro números da revista – mereceria um estudo aprofundado.

INVENÇÃO 5. Formato: 17,7 X 25,5 cm. Capa vinho com impressão em preto. INVENÇÃO: REVISTA DE ARTE DE VANGUARDA. nº 5, ano 6, DEZ. 1966 - JAN. 1967. São

Paulo, Edições Invenção (Ed. dos autores). Diretor Responsável: Décio Pignatari. Equipe formada por Augusto de Campos, Décio Pignatari, Edgard Braga, Erthos Albino de Souza, Haroldo de Campos, José Lino Grünwald, Luiz Ângelo Pinto, Pedro Xisto e Ronaldo Azeredo. A entrada de Erthos Albino de Souza, engenheiro, poeta e espécie de mecenas das Letras, assinala a sua participação como um dos financiadores da edição, coisa que se dará em outras oportunidades até meados dos anos 90. Editorial todo sem pontuação, utilizando o conectivo “e”, em sua forma &, de autoria de Décio Pignatari (que veio a republicá-lo com ligeiras modificações) chega a ser um verdadeiro balanço-manifesto-acerto-de-contas, soa como uma despedida em alto-estilo, com organização paratática. Aí é que é narrada a conversa-rompimento com o poeta Cassiano Ricardo, excluído desde o número 3 da revista: “& certa vez um bi-acadêmico poeta de ‘vanguarda’ nos disse: o arco não pode permanecer tenso o tempo todo um dia tem de afrouxar & um dia vocês têm de afrouxar & nós: na geléia geral brasileira alguém tem de exercer as funções de medula e de osso &”.

Trata-se do mais belo dentre os já belos números de INVENÇÃO. Com poemas-encartes de Augusto de Campos e Décio Pignatari e admiráveis participações de Edgard Braga e Pedro Xisto de Carvalho, mais uma sequência de fragmentos da prosa experimental de Haroldo de Campos *Galáxias*. Música: Gilberto Mendes. Há que se assinalar a presença de uma poeta brasileira, a mineira Maria do Carmo Ferreira, com o contundente poema “Meretrilho” e de muitas outras importantes

colaborações. Estrangeiros ausentes deste número (a não ser Edwin Morgan, como autor da tradução para o inglês da peça de Haroldo de Campos “Alea I - variações semânticas”), porém, o mundo e suas relações com a Poesia Concreta comparece na seção “Móbile”, ainda mais extensa. INVENÇÃO, enquanto publicação porta-voz do Concretismo brasileiro encerra suas atividades. Como comentou Augusto de Campos, diferentemente da REVISTA DE ANTROPOFAGIA, que em sua “primeira denteção” se constituiu em volume autônomo, migrando depois para página de jornal (“segunda denteção”), INVENÇÃO começou como página de jornal e se tornou volume autônomo: a revista. INVENÇÃO deixou de existir. A experimentação, porém, prosseguirá.

Datado de dezembro de 1966 – janeiro de 1967 saiu o nº 5 de INVENÇÃO, o último, por sinal, o mais belo graficamente, encerrando o processo no auge, sem sinais visíveis de cansaço, que talvez acometesse aqueles sobre quem recaía o ônus da organização e até das despesas. Esse tipo de revista – que chega a ser mais antologia que qualquer outra coisa – geralmente é sustentado pelo amor à poesia, por ambição artística e por crença no afazer daqueles que elaboram mensagens contendo informação estética e que sondam o admirável. Embora se espere que vendas venham a cobrir os custos – o que quase nunca acontece – e isto (no caso específico de revistas desta estirpe) não é um problema brasileiro, mas mundial – a coisa não se dá. O público acaba sendo diminuto na época e nunca se sabe que público será esse: talvez a Humanidade como um todo!

Mário da Silva Brito, a propósito de KLAXON, dá uma resposta perfeita para o encerramento das atividades do periódico que contava, entre os seus colaboradores e simpatizantes, com gente de altas posses. KLAXON não desapareceu propriamente por falta de retorno financeiro ou de dinheiros outros que a garantissem, mas por ter acabado o entusiasmo inicial daqueles que por ela se responsabilizavam e sobre quem pesava o ônus da trabalhadeira que esse tipo de revista dá. No caso de INVENÇÃO, é claro que o recrudescimento da situação política brasileira não estimulava ninguém a conceber publicações na vanguarda do fazer poético (muito embora sutilezas não encontrassem guarida em certos cérebros), porém, foi mais a perda do entusiasmo por uma publicação coletiva, que qualquer outro motivo, incluindo-se aí o financeiro, que fez com que deixasse de ser editada.

As publicações coletivas experimentais, herdeiras de NOIGANDRES e INVENÇÃO, voltariam a brilhar no Brasil, a partir da primeira metade dos anos de 1970 e daí em diante, com NAVILOUCA, CÓDIGO, POLEM, ARTÉRIA, POESIA EM GREVE, QORPO ESTRANHO, ZERO À ESQUERDA, ALMANAK e outras.

Como outras importantes publicações coletivas, NOIGANDRES e INVENÇÃO tiveram o importante papel de divulgar, em boa parte, na sua época, a poesia mais inventiva e instigadora que se fazia no Brasil e no Mundo. Por suas propostas radicais, a Poesia Concreta, em suas realizações teórico-críticas e práticas, provocou polêmica e um dolorido repensar da tradição (para se fazer poesia no Brasil era necessário ter, pelo menos, conhecimento da façanha concretista. O nível de exigência para o ser-poeta se elevou). A Poesia Concreta comprou inimigos, como nenhuma outra tendência o havia feito no País. Sua herança aí está: viva! João Cabral de Melo Neto chegou a dizer, em mais de uma ocasião, que a contribuição da Poesia Concreta para o Brasil era mais significativa que a de 22. Referia-se, é claro, à questão de subversão da e na linguagem. Poesia Concreta: Poesia Planetária é correto dizer-se. Mas não entremos, por ora, numa interminável discussão provocada pela afirmação, feita por quem foi feita.

Hoje, dada a distância no tempo, podemos avaliar melhor a produção concretista e estar cientes de que parte substancial da mais inventiva poesia que se fez durante o terceiro quartel do século XX está publicada nos volumes de NOIGANDRES e INVENÇÃO, o que pode ser atestado examinando-se as antologias que foram elaboradas fora do Brasil, abarcando a produção mundial de Poesia Concreta.

Grandes surpresas aguardam aqueles que tiverem a chance de pesquisar as revistas NOIGANDRES e INVENÇÃO, mesmo que muito de seu material já tenha saído em livros. O processo de desprovincianização de publicações coletivas no Brasil, que se indicia na revista KLAXON, e esta se diz “internacionalista”, encontra o seu coroamento em INVENÇÃO, principalmente nos seus dois últimos números. Com o Concretismo, a poesia de exportação, de que falou Oswald de Andrade, já era uma realidade.

Aguardando a mais que necessária edição fac-similar das tais revistas e estudos que, de fato, aprofundem a sua avaliação, o peso de sua contribuição para a poesia do Planeta. XAIPE!

FONTES PRIMÁRIAS E BIBLIOGRAFIA

NOIGANDRES 1. São Paulo, Edição dos Autores, (novembro de)1952.

NOIGANDRES 2. São Paulo, Edição dos Autores, (fevereiro de) 1955.

NOIGANDRES 3. São Paulo, Edição dos Autores, (dezembro de) 1956.

NOIGANDRES 4. São Paulo, Edição dos Autores, (março de) 1958.

NOIGANDRES 5. Antologia: do verso à poesia concreta. São Paulo, Massao Ohno Editora, 1962.

CORREIO PAULISTANO. Página "Invenção".São Paulo, 17 jan 1960.

CORREIO PAULISTANO. Página "Invenção".São Paulo, 26 fev 1961.

INVENÇÃO: REVISTA DE ARTE DE VANGUARDA 1. São Paulo, GRD (1º trimestre) 1962.

INVENÇÃO: REVISTA DE ARTE DE VANGUARDA 2. São Paulo, Massao Ohno Editora, (2º trimestre) 1962.

INVENÇÃO: REVISTA DE ARTE DE VANGUARDA 3. São Paulo, Edição Invenção, (junho) 1963.

INVENÇÃO: REVISTA DE ARTE DE VANGUARDA 4. São Paulo, Edições Invenção (dezembro) 1964.

INVENÇÃO: REVISTA DE ARTE DE VANGUARDA 5. São Paulo, Edições Invenção, (dez) 1966- (jan.) 1967.

KLAXON; mensário de arte moderna 1 a 9 (edição fac-similar). São Paulo, Martins-CEC, 1972. Estudo histórico-crítico introdutório ("O Alegre Combate de Klaxon") de Mário da Silva Brito.

Depoimentos: Augusto de Campos (depoimentos de Augusto de Campos, colhidos em diversas momentos, especialmente em 18 de abril de 2001, ocasião em que me tornou possível o acesso a exemplares de NOIGANDRES 1, 2 e 3 e de INVENÇÃO 1, mais as páginas "Invenção", do CORREIO PAULISTANO, estando eu já ocupado com a elaboração deste escrito; e em 17 e 19 de maio de 2006, por telefone).

BANDEIRA, João e BARROS, Lenora de (cur.) - *Arte Concreta Paulista: Grupo Noigandres*. São Paulo, Cosac & Naify-CUMA da USP, 2002. Catálogo de Exposição e estudo "O Grão de Noigandres".

BRADBURY, M. e McFARLANE, James - *Modernismo : Guia Geral; 1890-1930*. Trad. de Denise Bottmann. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

CAMPOS, Augusto de, PIGNATARI, D. e CAMPOS, H. de - *Teoria da Poesia Concreta; textos críticos e manifestos - 1950/1960*. São Paulo, Duas Cidades, 1975.

CHIPP, H. B. - *Teorias da Arte Moderna*. Trad. de Waltensir Dutra e outros. São Paulo, Martins Fontes, 1988.

FAUSTINO, Mário - *Poesia-Experiência*. São Paulo, Perspectiva, 1977 (Col. "Debates", 136).

KHOURI, Omar - *Revistas na era pós-verso: revistas de invenção no Brasil, dos anos 70 aos 90*. Cotia, Ateliê, 2004.

KLONSKY, Milton (ed.) - *Speaking Pictures: a gallery of pictorial poetry from the sixteenth century to the present*. New York, Harmony Books, 1975.

PIGNATARI, Décio - *Contracomunicação*. São Paulo, Perspectiva, 1971. (Col. "Debates", 44).

POUND, Ezra - *ABC da Literatura*. Trad. de Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix-CEC, 1970.

RISÉRIO, Antonio - *Cores Vivas*. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, 1985. (Col. "Casa de Palavras", 2)

SOLT, Mary Ellen (ed.) - *Concrete Poetry: a World View*. Bloomington, Indiana University Press, s.d.

WILLIAMS, Emmett (ed.) - *An Anthology of Concrete Poetry*. New York, Something Else Press, Inc., 1967.

PS. Terminada a redação deste trabalho, em fins de maio de 2006, fui pesquisar em duas de nossas maiores bibliotecas públicas (as quais tenho em altíssima conta), com a finalidade de saber da existência em seus respectivos acervos e da disponibilidade das revistas do Concretismo. A do IEB-USP possui os dois primeiros números de NOIGANDRES e os cinco de INVENÇÃO. Na Biblioteca Municipal "Mário de Andrade", seção "Livros Raros", constatei a existência de NOIGANDRES 4 em duplicata e de INVENÇÃO, do nº 2 ao 5, havendo duplicatas dos nºs 2, 4 e 5 e triplicata do nº 3. Os exemplares de INVENÇÃO estão em trabalho de recatologação, porém, mesmo assim, disponíveis aos pesquisadores.

OMAR KHOURI

Professor da FACOM-FAAP e do IA-UNESP.

Formado em História pela FFLCH da USP, mestre e doutor em Comunicação e Semiótica (Literaturas-Artes) pela PUC-SP. É poeta, artista gráfico e crítico de linguagens.